



A ESCOLA (RE)SIGNIFICADA DIANTE DA PASSAGEM DO TEMPO - PENSANDO A ESCOLA COM A METAFÍSICA DE BERGSON

Ginaldo Gonçalves Farias¹
Luciana dos Santos da Cruz²

RESUMO: Numa perspectiva bergsoniana, revisitamos os conceitos de Escola e Professor, para através destes, colocar os problemas da práxis pedagógica temporalmente. Partindo da constatação de que todo ente degenera e de que o tempo corrói todo em-si-mesmo e destrói o imobilismo, verificamos o desmoronamento da Escola e de seus modelos e métodos. É possível, então, reconhecer, no encontro, o acontecer do educar, através do entendimento de que professor e linguagem engendram a mudança no existir como possibilidades do ensinar-aprender. Para chegarmos a este entendimento é preciso tomar o pensamento como movente, essa mudança referida só ocorre quando há mudança de mentalidade. É no corpo do professor que a escola se (re)significa.

Palavras-chave: Bergson, professor, escola, tempo.

THE RE(MEANING) OF SCHOOL AS TIME PASSES – THINKING THE SCHOOL BY MEANS OF THE METAPHYSICS OF BERGSON

ABSTRACT: We revisited the concepts of School and Teacher in a bergsonian perspective, in order to set the problems of pedagogical praxis temporally. Based on the observation that every entity degenerates and that time erodes all in itself and destroys the inertia, we find the collapse of the school and its models and methods. Then, it is possible to recognize the happening of educating in the meeting, by means of understanding that teacher and language promote change in the existence as possibilities of teaching-learning. To reach this understanding we need to consider thought as moving. This mentioned change only occurs when there is a change of mentality. The school re-means itself on the body of the teacher..

Keywords: Bergson, teacher, school, time.

¹ Professor de Filosofia do IFBA. Grupo de Pesquisa Epistemologia do Educar e Práxis Pedagógica – UFBA. E-mail: ginaldogoncalves@yahoo.com.br

² Professora de Filosofia da UFRB, mestranda do programa de Pós Graduação em Educação – UFBA – orientador Prof. Dr. Dante Augusto Galeffi. Grupo de Pesquisa Epistemologia do Educar e Práxis Pedagógica – UFBA E-mail: advlucianacruz@gmail.com



INTRODUÇÃO

Quando nos encontramos com as teses de Bergson sobre intuição e sua genial ideia de tempo, nos libertamos de anos de um método adquirido na juventude e que já se constituía um vício e não satisfazia mais. Assim, materialismo e dialética formavam um par de conceitos que norteavam qualquer pensamento que se fizesse, mas não conhecíamos outra coisa. A formação em humanas foi dada pelo movimento estudantil, e só havia uma opção, Karl Marx.

Agora conhecemos, já como professores, o pensamento de Henri Bergson. Hoje, vendo e convivendo no dia a dia da escola, os debates e as queixas dos professores, o desinteresse dos alunos, o caos do ensino fundamental e médio nas escolas públicas do sertão baiano, pretendemos compreender esses problemas, auxiliando-nos na metafísica de Henri Bergson, utilizando seus conceitos de vida, duração e intuição.

Escolhemos esse tema, pois para Bergson a finalidade da Filosofia é produzir conceitos que auxiliem a compreensão, enquanto a ciência produz conceitos para a ação e explicação. A ciência visa controlar a natureza e a sociedade. Partindo dessas idéias de Henri Bergson, concluímos que a Filosofia é extremamente adequada à atividade de educar, pois entendemos que em Educação a compreensão é mais importante que o controle ou explicação. Arriscamo-nos a dizer que filosofar é educar, como diria o professor Dr. Dante Galeffi. Assim, entendemos que a Filosofia de Henri Bergson era de grande valia para pensar a atividade para a qual estamos nos dedicando, ser professores, mais que isso ser educadores.

Esperando que Bergson ajude-nos a compreender um certo número de problemas que vive a educação e principalmente: como a escola sobrevive ao tempo?

Esta problemática brotou da metafísica de Henri Bergson e tornou-se a nossa principal preocupação sobre educação. O tempo, tal qual o titã Kronos, devora os próprios filhos, assim, todo ente degenera, tudo se esvai diante da ação corrosiva do tempo. A escola enquanto estrutura física e metodológica não foge a isso, a escola envelhece.

Para Bergson, todavia, que entende o tempo como duração, o que é vivo e tem consciência não desmorona no tempo, para este filósofo, o vivo devém. Assim, pretendemos responder a questão como a escola envelhece e a educação continua. Como é que a escola se (re)significa se o tempo destrói todo si-mesmo? E não há couraça de competência que resista ao seu fluir? Esperamos responder essas questões ou pelo menos formulá-las de maneira mais precisa com o auxílio da metafísica de Henri Bergson.



Os erros humanos são fruto da impaciência e da precipitação, talvez por isso os métodos. É preciso acerto ao começar, pois um pequeno erro no início se tornará um grande erro no final, e depois do acerto inicial é preciso perfeição ao terminar, como diria São Tomás de Aquino em sua oração do estudante. Esperando ter acertado ao escolher Bergson para ser o teórico inspirador desse Trabalho, prosseguimos.

Bergson não tem um trabalho específico sobre Educação, por isso esse artigo não se caracteriza como um recorte no pensamento de Bergson, mas um transbordamento. Procuramos não fazer um texto em Bergson, mas com ele, seguindo seus conselhos e intuições. Tentando, aprendendo a pensar daquele jeito intenso e poético.

Henri Louis Bergson que nasceu em Paris, a 18 de outubro de 1859, filho de pai inglês e mãe francesa; estudou no Liceu Condorcet. Em 1878 ingressa na Escola Normal Superior, após três anos, é indicado professor do Liceu de Angers. Em 1883, vai ensinar filosofia no Liceu de Clermont- Ferrand. Neste período, publica *Extraits de Lucrèce* para o ensino secundário. Em 1888, publica suas duas teses: "A noção de lugar em Aristóteles" e a outra "Ensaio sobre os Dados Imediatos da Consciência" muito bem aceita nos meios filosóficos. E em 1897, publica *Matéria e Memória*. Em 1900, passa a ocupar a cátedra de filosofia no Collège de France e publica *O Riso* e depois *A Evolução Criadora* que mereceu o prêmio Nobel de literatura, em 1928. Em 1922, publica *Duração e Simultaneidade* e, em 1932, seu último livro, *Duas Fontes da Moral e da Religião*. Morre em 1941.

Bergson inaugurou um tempo próprio para a Filosofia, diferente do tempo da ciência, seu tempo é heterogêneo e contínuo, a essa idéia de tempo, Bergson chamou duração. A vida é um acontecimento que se vitaliza em duração. Nesses últimos tempos, esta duração em nós acontece numa sala de aula, ou como alunos ou como professores, e nessa alternância heterogênea pensamos, construímos e criamos uma tragédia e um enigma que é viver. Por essa intensidade de ensinar e aprender é que procuramos fazer da experiência de aluno-professor, antes de tudo, uma experiência poética.

Em seu livro *Bergsonismo*, Deleuze inicia afirmando que *Duração*, *Memória* e *Impulso vital* são os pilares da Filosofia de Bergson. São exatamente esses conceitos que utilizamos aqui para o entendimento do fenômeno educativo, é nesse ambiente bergsoniano que se articulam os conceitos de escola, professor e aluno.



Da metafísica bergsoniana, surge o inusitado, nela, os entes de consciência, possuidores de memória, não degeneram com o passar do tempo, o passar do tempo os enriquece e vivifica. Bergson não observa o corpo, mas o espírito, ele olha numa perspectiva temporal. Já a escola, suas paredes e metodologias vão definindo com o passar do tempo. Por isso afirmo que o si mesmo da escola não tem jeito, apenas sobra o professor, que na sua irrupção atuada que é puro devir. Para ser professor é preciso o desapego de se ver como um eterno devém e estar disposto a ser assassinado pelos seus alunos. Esse é o grande despertamento e a condição de amor mais intenso. Devemos amar como amamos os nossos sonhos, eles devem ser como pássaros, feitos para voar. Assim o professor deve amar seu saber e seu não saber, seu fazer e seu não fazer, seus alunos e mestres, como pássaros. Eles existem para voar. O desapego é o amor aos pássaros e as borboletas, é amar a tudo que tem asas, por isso identifico amor e desapego, já que tudo voa nas asas do tempo como bem diria a professora Rita Célia em seu livro *Nas Asas da Borboleta*.

A metafísica presente nesse artigo é além da possessão bergsoniana, um estranhamento que o professor de filosofia tem com o mundo. Esse estranhamento é uma desconfiança, da possibilidade de uma totalidade na presença, de um sufocamento da presença, da certeza da competência, que recorta e enquadra o real, sem permitir nem um instante de brotamento, onde tudo está definido e acabado. Essa metafísica é um estranhamento ao cotidiano e uma busca desse brotamento, dessa floração. Do inusitado lugar da criação.

Essa metafísica é o desapego diante da ameaça do devir e aniquilamento do si mesmo. Esse desapego não é definido, não atende a perguntas: como? E o que é? Ele inaugura uma nova linguagem, que nasce do calor dos corpos e do mistério das coisas, ele se faz diferente a cada situação e assim mesmo novo e inusitado.

Mas de vez em quando, por distração, a natureza suscita almas mais desapegadas da vida. Não falo do desapego desejado, racional, sistemático, que é obra de reflexão e filosofia. Falo de um desapego natural, inato à estrutura do sentido ou da consciência e que se manifesta de imediato por um modo virginal, por assim dizer, de ver ouvir ou pensar. Se esse desapego fosse completo, se a alma já não aderisse à ação por nenhuma de suas percepções, ela seria a alma de um artista como o mundo nunca viu antes. Seria a mais excelente em todas as artes ao mesmo tempo, ou melhor, ela as fundiria todas numa só. Perceberia todas as coisas em sua pureza original, tanto as formas, as cores e os sons do mundo material quanto os mais sutis movimentos da vida interior. (BERGSON, 2007, p.115)



É dessa vida interior, da perspectiva da duração que pretendemos olhar a escola e seu acontecer.

Duração

Necessário, neste momento, um resumo das principais teses de Bergson para entender sua concepção de tempo, querendo dizer reexplicação. De início, é necessário lembrar que a nossa concepção ordinária de duração é consequência de uma invasão gradual do espaço no domínio da consciência pura. Bergson (1927, p. 88) “[...] é que para tirar ao eu a faculdade de perceber um tempo homogêneo basta destacar dele a camada mais superficial de fatos psíquicos que utiliza como reguladores”. É semelhante a quando dormimos que o sono afrouxa “o jogo das funções orgânicas” e transforma as comunicações como exterior, então, não medimos mais a duração, mas sentimos-la; não contamos, mas é um instinto confuso que nos diz; esse instinto, embora possa cometer erros grosseiros, pode também acertar, é assim que acertamos quando jogamos. Bergson (2005a, p. 2) também declara “Meu estado d’alma, avançando no caminho do tempo, vai se dilatando continuamente com a duração que recolhe: pode se dizer que faz uma avalanche consigo mesmo.” Ele separa duração-qualidade, aquela que nossa consciência atinge imediatamente, e é semelhante à que o animal sente e reage da do tempo espacializado da ciência, tempo tornado quantidade materializado. Ele denomina de tempo fundamental dado pela consciência, despojado de qualquer simbolismo, existe uma única corrente sem cortes nem separações e é nela que tudo é novo e ao mesmo tempo conservado.

O conceito de duração é fundante na filosofia de Bergson; é o objeto próprio da intuição, que é o órgão específico da filosofia destinado a apreender a espiritualidade como tal, da mesma forma como o intelecto destina-se a apreender a matéria e o imobilismo do mecanicismo; é evocado também como memória para explicar a relação do corpo com a alma; é utilizado para explicar a evolução da vida em suas direções divergentes, instinto e inteligência; e para explicar o desenvolvimento das sociedades humanas para atingir uma sociedade mística, ampliação do espírito rumo à super-humanidade.



Esse problema também pode ser visto como superação da condição humana, uma ampliação cognitiva do nosso espírito em direção à intuição; que é para Bergson o único conhecimento rigoroso ao lado da inteligência e do instinto como duas faculdades de ação; o somatório da primeira como capacidade reflexiva com a segunda resulta numa ação de atravessar a matéria e enchê-la de indeterminação.

Utilizamos a imagem de círculos concêntricos feita por Bergson na *Evolução Criadora*, consistente em estender o círculo menor – a inteligência – em direção ao círculo maior – a vida – a fim de possibilitar à inteligência reconquistar, no caminho, o máximo das virtualidades do instinto e por isso mesmo de convertê-las em intuição.

Do ponto de vista científico, é uma rigorosa relação da parte com o todo. É um “quase ser” o objeto para conhecê-lo, mas com determinada distância, para não tornar-se ele próprio. Mas quando esse objeto é nosso próprio corpo, neste caso explica Bergson (2006, p. 58) “Nossas sensações estão, portanto, para nossas percepções assim como a ação real de nosso corpo está para sua ação possível ou virtual.” Exatamente por este mecanismo que ao mesmo tempo percebemos e sentimos.

Para compreender o conceito de tempo-duração em Henri Bergson, faz-se necessário estudar suas teses sobre inteligência, intuição como duas formas de se conhecer uma coisa: girando-se torno dela ou penetrando-se no seu interior, na primeira, que é superficial, usamos a inteligência que apreende uma totalidade exterior, de forma, via conceito. Depois, a inteligência parte para análise, ou seja, dividir em partes para conhecer melhor, conforme conselhos de Descartes, mas este método eficiente para vários problemas é ineficiente quando o objeto é o tempo, ou um indivisível; e a pergunta é: O que é o tempo? Se tempo flui como um rio, ao dividi-lo, perde-se a ideia de fluxo, ou seja, do rio como ele é, um todo que flui, o mesmo pode-se dizer do discurso.

Deleuze (1999, p. 6) explica que quando se trata tempo é diferente, e cita os nossos estados mentais de poder conservar os estados instantâneos do espaço e justapô-los a um espaço que ele denomina de “espaço auxiliar”, e que nesta tese, chama-se de “espaço auxiliar virtual” com a finalidade de esclarecer que se trata de outra natureza de espaço, ou seja, é a própria duração e somente ela é pura, portanto somente ela é um dado imediato. As impurezas são do outro lado do misto que é uma multiplicidade de exterioridade, simultaneidade, justaposição de diferenças de grau, numérica, mensurável, descontínua e atual. A primeira é



uma multiplicidade interna de sucessão e fusão heterogênea e de diferença; virtual. Bergson embora tendo dividido a multiplicidade; uma própria da duração que possui precisão semelhante à ciência, e a outra sendo de outra natureza, não opõe o Múltiplo ao Uno, ele é monista, pois considera a multiplicidade contínua e a concepção científica de espaço como complementares e solidárias. Isso porque o objeto pode ser dividido de infinitas maneiras, mas antes ele pode ser apreendido pelo pensamento como possíveis, sem nada mudar no objeto. Neste sentido, Deleuze afirma:

Desse modo, somos capazes de conservar os estados instantâneos do espaço e justapô-los em uma espécie de espaço auxiliar; mas também introduzimos distinções extrínsecas em nossa duração, decompômo-la em partes exteriores e alinhamos em uma espécie de tempo homogêneo. (DELEUZE, 1992, p. 31)

Assim, tal misto em que tempo se confunde com espaço auxiliar deve ser dividido para evitar falsos problemas ou mistos mal analisados quando se trata de explicações.

O tempo flui, pulsa e desmorona em todas as coisas, os objetos mais do que estarem no tempo, eles são tempo, escorrem, existem, passam. Vejamos uma laranja; vamos espremê-la e visualizar melhor ela escorrer em suco, o conceito de laranja, a análise em torno dele da forma da fruta, do cheiro, da cor, do gosto, nada significam sem o contato direto com ela, se uma pessoa jamais viu uma laranja, não tem como saber por conceito do que estou falando, nenhuma informação é comparável ao ato de espremê-la ou chupá-la.

Espacializar o tempo para cálculos e medidas tem proporcionado às ciências seus excelentes resultados em movimentos, acelerações que anulam distâncias e tempos e movimentos, porque não há uma averiguação do tempo para além de sua espacialização? Voltar o tempo foi sempre um sonho, fazer retroceder, sem os limites de retenções e protensões.

O entendimento do tempo espacializado, o tempo descontínuo e homogêneo é conquista da inteligência que sendo discursiva, através do conceito, conhece apenas a superfície das coisas. Nós, homens modernos, esquecemos a introspecção, trocamos a vertigem pela investigação científica. Enchemos o mundo de coisas e ficamos cada vez mais vazios.

Falamos muito em mudança, mudança de sentido, principalmente mudanças sociais, mas a mudança é incompreendida pela inteligência, a mudança é intuitiva. A ideia de



movimento/mudança é a mais obscura para nosso espírito. Não é a mudança o estado de uma coisa que é e que não é, que já não é o que era e que ainda não é aquilo que será? Ideia fugidia para nossa inteligência, a qual só se pode fixar sobre aquilo que é parado e imobiliza as coisas pelo simples fato de pensar nelas. Nós aprisionamos as coisas nos conceitos

Analisar pressupõe decompor, pois a inteligência que é voltada para exterioridade, para a extensividade, divide para conhecer. Se o discurso é um indivisível, um inteiro, então não pode ser analisado, só pode ser intuído. Tomemos, por exemplo, o discurso, ele é um inteiro, um contínuo e heterogêneo, será que seu tempo não é a duração? O discurso é a consciência pelo avesso, é interioridade que se faz exterior, mas que para ter sentido é preciso a interioridade do leitor ou ouvinte. O discurso é acabado ele apenas é heterogêneo, quer dizer, muda qualitativamente, muda por inteiro, flui como o tempo, desliza. Move-se, e é movente e se compõe de ditos e não ditos, se completa com o leitor, que o torna interioridade outra vez.

Utilizando a semântica de Henri Bergson, iremos neste artigo propor uma Metafísica do Discurso, uma intuição do discurso, pois a intuição é a única maneira de se conhecer um indivisível. Deleuze considera que a duração bergsoniana não é somente experiência vivida:

É também experiência ultrapassada; ela já é condição da experiência, pois o que esta propicia é sempre um misto de espaço e de duração. A duração pura apresenta-nos uma sucessão puramente interna, sem exterioridade; o espaço apresenta-nos uma exterioridade sem sucessão, com efeito, a memória do passado, a lembrança do que se passou no espaço já implicaria um espírito que dura, a duração não era simplesmente o indivisível ou o não mensurável, mas, sobretudo o que só se divide mudando de natureza, o que só se deixa medir variando de princípio métrico a cada estágio da divisão. (DELEUZE, 1992, p. 7)

É muito importante essa observação de que a duração não é somente o indivisível mais também o que só se divide mudando de natureza para se deixar medir, e os físicos constatam isso na física quântica; os “quantas” mudam de natureza; ora é onda ora partícula, exigindo variação de princípio métrico.

A Escola

Ainda podemos lembrar as escolas em que cursamos o ensino fundamental, elas ainda estão lá, mas aquela escola que lembramos apenas na memória. Quando visitamos esse ano as



escolas, fomos tomado de espanto, como elas tinham envelhecido. O luxuoso elevador, o tapete da entrada, os azulejos, o jardim cimentado para estacionamento. Então, tomamos consciência que o tempo degenera tudo, tanto nós como a escola estávamos velhos.

A escola enquanto prédio e metodologias envelhece muito rápido, por que será que as escolhas envelhecem e a educação continua?

A escola tem a forma e a figura que o tempo lhe dá. Chamamos a atenção para o desmoronamento temporal da escola o que não significa que ela irá acabar, mas que todo ente degenera, o tempo corrói todo si-mesmo, e o que não muda não dura. A escola e seus diferentes métodos não é a principal responsável pelo fenômeno do educar, ela é apenas o lugar do encontro dos entes educativos, o professor e o aluno. A escola é o espaço onde o tempo perpassa pelo professor e o aluno que devém.

A escola está pra além da construção e de suas metodologias, ela acontece no encontro do professor e do aluno e a isso chamamos fenômeno do educar. Nesse encontro, todos aprendem, mas é o professor o responsável pelo encantamento. Um curso organizado geralmente representa aquilo que o professor procura, sua busca, e isso dá o tom do encontro. Até o tão propagado respeito pelo conhecimento que o aluno traz de sua vivencia acontece no professor, e é ele quem dá o tom e acolhe.

Os métodos e didáticas envelhecem, em geral já nascem velhos, as grades e currículos aprisionam e inibem a criatividade, a escola é uma unidade da estrutura de poder para garantir o controle e a reprodução do *status quo*. O colegiado de professores mais parece um tribunal da inquisição, onde julgam moralmente os alunos e os colegas. Toda estrutura escolar visa construir unidades de produção, nesse intuito todos trabalham, principalmente a educação profissionalizante.

Não há nenhuma intenção de se criar um ser humano, mas de formar um profissional que produza e um cidadão que vote e como cidadão, se encaixe no modelo estabelecido, como diria Sócrates, o cidadão é o sepulcro do homem.

Tudo na escola indica decadência, mas apesar da escola, a educação acontece. Pois é no corpo do professor e no encontro do educar que tudo se renova, é na aula que a grade curricular é superada, é na atividade de um professor que o colegiado é esquecido, é no encontro do educar que a educação explode criadora e criativa para além da burocracia estatal.



O Encontro

Chamamos de encontro do educar, a aula, conforme Rita Célia em *Nas Asas da Borboleta*, onde o professor encontra o aluno, por mais que a sala seja um grupo, a aula é individual, cada aluno faz sua leitura e interage de um jeito particular com seu mestre.

O professor está pra além de sua irrupção atuada, ele ensina com o exemplo, mas é em seu discurso que a consciência atravessa a matéria.

A poesia e os mitos se aproximam mais da oralidade, como também as histórias. Depois de uma oficina de Contação de Estórias que participamos no I ELEGE - FACED - 2008, atentamos para a importância da aula expositiva.

Quando um professor está em uma aula expositiva há a possibilidade de ser questionado é aí a importância da dialética da oralidade e o encontro entre mestre e aluno, o aluno constrói de forma ativa o caminho do discurso através de suas dúvidas e para cada aluno o mestre refaz sua explicação. Isso garante a essência do ensinamento. Através da oralidade, do diálogo, conhecemos a alma do interlocutor e essa alma acrescenta conhecimento ao discurso. Só através dessa presença podemos invocar os deuses. O encontro se dá no diálogo.

Por isso, talvez, Platão acreditava na superioridade do discurso oral sobre o escrito, uma vez que, o escrito se dirige até àqueles aos qual seu conteúdo não lhe convém, assim como o escrito faz sempre a mesma afirmação, não constituindo um verdadeiro ensinamento, bem como, um escrito não pode defender-se sozinho, ele necessita da ajuda do seu autor. Já através do discurso oral, o dialético, sonda o interlocutor, se cala quando acredita ser conveniente, quando acredita ser viável, argumenta, realizando uma autêntica comunicação, quando necessário, leva auxílio ao seu discurso, transmitindo também estes ao discípulo.

Seguindo os passos de Platão, entendemos que nada, nenhuma tecnologia, ou livros didáticos possam substituir o encontro de mestre e aluno na presença do logos.

Da cegueira da Escola.

A historinha fictícia abaixo é para ilustrar o uso da inteligência na educação.



Era uma vez numa aula de lógica, - O isto - dizia o professor Dourado, não pode ser pensado, ele só pode ser apontado. Pois há infinitas notações lógicas para determinar um indivíduo. Assim ele é abstraído de sua infinita finitude, retirando suas características individuais e encaixando-o em uma espécie, idéia ou conceito. Esse é a primeira operação do pensamento.

Pensando nisso, afirmamos: toda teoria, método, instituição, programa e projeto são cegos em relação ao indivíduo, ele não existe para eles. O que existe são números, porcentagens, estatísticas, conceitos e preconceitos, mas nunca o indivíduo. Por isso a Escola é cega em relação a José da Silva. Ele, José da Silva é de etnia X, classe social y, faixa etária z, serie n e pertence aos evadidos da Escola.

Claro que ele evadiu de uma Escola que não o pode enxergar. Os olhos que poderiam vê-lo era o do professor Antonio Urso, mas o Antonio Urso estava cego, encaixotado em uma metodologia, seguindo um esquema, cumprindo cronograma, defendendo uma ideia fixa. Não pode enxergar José da Silva, o Antonio não era mais Antonio, ele era um universal, ele era profissional, ele era professor. Sem rosto, emoção, sentimento ou pensamento. Então, José, para ele, era outro universal: aluno, excluído, evadido, sei lá das quantas.

Assim, cheio de emoções e sentimentos, cheio de idéias e criatividade, cheio de empreendedorismo em relação a si mesmo e a vida. José resolveu seguir o exemplo de Paulinho da Viola, foi para Portela, é ela um rio azul que passou em sua vida e seu coração se deixou levar. Hoje, José, na Escola de Samba, cria alegorias e não aprendeu as normas da gramática portuguesa, mas faz samba, samba do melhor.

Parece que a Escola está fora do compasso. Seus projetos educacionais estão sem harmonia, sua bateria atravessou o samba da vida, sua comissão de frente tropeçou e a porta bandeira não foi para o desfile. A Escola está perdendo o carnaval. É preciso uma paradinha na bateria, uma paradinha para respirar. Os professores que são os verdadeiros compositores da educação precisam de paixão. A passarela do samba da educação é a sala de aula. Deveríamos mandar para a Secretaria de Educação e o Ministério da Cultura ou para o Parlamento todos os profissionais, todos os entediados e deixar a sala de aula para quem tem amor, para quem tem paixão e samba no pé. E quem sabe essa estória ou escola termine levando um dez.



O Professor

O herói trágico vence ao perecer, essa é a melhor definição de um professor. Ele só vence quando morre para o aluno, quando o aluno o mata como professor, aí ele realiza seu destino trágico de ensinar.

Já ouvimos muitas teorias e críticas sobre Educação, mas apesar das críticas, dos governos, das políticas públicas e das dificuldades, apesar das teorias, a Educação arranja um jeito, como a vida, ela se impõe. Sempre há Educação.

Henri Bergson diferencia o construído do criado, para ele o construído parte da periferia para o centro e tudo que tem num carro, por exemplo, veio de fora, foi se juntando, montando, e formou o carro, se repartirmos peça por peça encontraremos tudo que foi levado para formar o carro. Já o vivo é diferente, ele parte do centro para a periferia, ele explode. Como um ovo, que não tem nada de bico, nem pena, nem canto e explode em pássaro.

Todo construído vai degenerando no tempo, mas a vida se renova no tempo, ela cria e se fortalece. O carro sai da loja e vai envelhecendo, como diria Heráclito, ele já sai velho. Mas o ovo vira pinto, e o pinto vira galo e o galo vira canto no amanhecer.

Na escola, todo construído já começa velho e vai desmontando, somente o professor vai virando canto. Somente ele pode criar e evoluir. Assim se é possível uma re-significação da escola, ela só se dará no corpo do professor.

Tragédia

A Educação é trágica. Centraliza-se esta tragédia no corpo do professor, que herói trágico vence ao perecer. Um professor busca que seu aluno deixe de ser aluno, ele quando cumpre seu papel de professor, morre como professor, seu aluno vira mestre.

Nesta tragédia que é ensinar e aprender o sentido é sempre uma busca e a verdade um horizonte, mas aí na Educação é também onde a verdade é mais verdadeira, pois na Educação o erro torna-se verdade. As outras verdades, da ciência e da religião, por exemplo, afastam o erro e por isso são verdades menores. A Educação dispõe do erro em todo seu sistema, ele passa a compor o existir e o aprender. Aprendemos quando erramos.



A intuição

Bergson divide nossa alma em instinto, inteligência e intuição. Para Bergson a vida não pode ser compreendida pela inteligência, pois ela é inadequada para o que vive e pulsa, mas apropriada à imobilidade, ao conceito, diante do vivo, a inteligência reage como se estivesse diante de uma coisa construída, morta. A intuição é o instrumento próprio para a compreensão da vida, e se a educação é algo vivo, que se dá em corpos e consciências vivas, a intuição é muito mais apropriada para a educação que a inteligência.

Como se dá a intuição? Enquanto a inteligência abstrai, ou seja, subtrai as diferenças entre os objetos para encaixá-los em conceitos, apreendendo a multiplicidade numa idéia, a intuição valoriza as diferenças, e aproxima-se da singularidade da coisa.

Mas como expressar essas idéias tendo em vista que, segundo o próprio Bergson, a intuição não pode se encerrar numa representação conceitual, ou seja, conforme Bergson (2006, p.187) “Chamamos aqui de intuição a simpatia pela qual nos transportamos para o interior de um objeto para coincidir com aquilo que ele tem de único e, por conseguinte de inexprimível.”

Para o filósofo, o método intuitivo consiste na inversão do percurso natural do trabalho de pensamento para se colocar imediatamente, por uma dilatação do espírito, na coisa que se estuda, enfim, para ir da realidade aos conceitos, pois, como nos diz o próprio filósofo (2006, p.33) “a intuição, como todo pensamento, acaba por se alojar em conceitos”. Embora os conceitos sejam indispensáveis à metafísica, ela deve abandonar os conceitos prontos que estão à disposição, os quais manejamos habitualmente, e criar conceitos diferentes: a filosofia consiste o mais frequentemente não em optar entre conceitos, mas em criá-los. Devemos, assim, afastar os conceitos já prontos, procurando, a partir da visão direta do real, criar, como afirma Bergson (2006, p.25) “conceitos novos, que deveremos formar para nos exprimir” e que serão “talhados na exata medida do objeto”. Trata-se, então, de criar completamente, para um objeto novo, um novo conceito, talvez um novo método de pensar. Esse novo conceito que devemos “talhar” para cada novo objeto deve ser apropriado somente para ele, de tal modo “que se pode dificilmente dizer que seja ainda um conceito, pois somente se aplica a uma única coisa” (2006, p.197). Bergson caracteriza esses conceitos intuitivos como representações “flexíveis, móveis, quase fluidas, sempre prontas a se moldarem sobre as



formas fugidias da intuição” (2006, p.188), ou, ainda nesse mesmo sentido, são conceitos que se modelam e se remodelam sem cessar sobre os fatos, conceitos fluídos como a própria realidade.

Assim, intui-se que educação se dá individualmente, cada aluno é um curso, cada professor uma escola, em cada aula isso se modifica, recua e avança, se estende e contrai, se intensifica e esmorece, nasce e morre num pulsar vital que está muito distante das ideologias e classes, de lugares e momentos históricos. Esses aspectos são apenas trajes que a vida troca a todo instante, a depender da festa. Mas ela a vida evolui e cria, a vida se educa.

A intuição, por outro lado, só será comunicada pela inteligência. Ela é mais que idéia; todavia, para se transmitir, precisará cavalgar idéias.

Inteligência e intuição diferem uma da outra pela função: enquanto a inteligência capta o que é material e morto, a intuição penetra na duração, que é como que a vida de todos os seres. Duração real significa evolução, perpétuo vir-a-ser, continuidade ininterrupta de movimento ou mudança, criação constante ou incessante produção de realidade nova, heterogênea, imprevisível pelo cálculo. (TREVISAN, 1995, pag 17).

A inteligência, tão hábil na manipulação do inerte, escancara sua falta de jeito assim que toca no vivo. Quer se trate da vida do corpo quer do espírito, ela procede com rigor, a rigidez e a brutalidade de um instrumento que não era destinado a semelhante uso. Por isso parece que a intuição seja mais apropriada como método para a educação, pois é de corpos vivos que falamos quando nos referimos à educação.

CONCLUSÃO

Por distinguir, dentro da semântica de Henri Bergson, o vivo e pulsante do morto e inerte, estabelecendo um tempo próprio, a duração real para a vida (ao contrario dos corpos mortos, que degeneram) evolui e cria, devém diante do tempo. Entendemos que a escola se (re)significa no corpo do professor. É nesse corpo-consciência que a educação se atualiza, que as escolas se renovam e o encontro acontece.



Sabemos que ficaram muitos pontos para tratar e esclarecer, mas longe de querer resolver questão tão complexa como a escola e a educação, apenas pretendemos chamar a atenção para a grande janela que a metafísica de Bergson abre sobre esse assunto, possibilitando pensar de outro jeito o fenômeno do educar, trazendo mais uma visão nessa multiplicidade de posições que existem sobre o assunto. Mas aprendemos com os professores que a filosofia deve dar sentido ao sem sentido do mundo e da existência. Com Bergson, encontra-se mais um sentido, mais uma possibilidade do compreender e durar.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola - **Dicionário de Filosofia**. Tradução Alfredo Bosi. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- BERGSON, Henri. **As Duas Fontes da Moral e da Religião**. Tradução por Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.
- _____. **Matéria e Memória**. Tradução por Paulo Naves. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. **O Pensamento e o Movente**. Tradução. Bento Prado Neto. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____. **O Riso**. Tradução Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- DELEUZE, Gilles. **A ilha deserta**. Tradução Luiz B.L. Orlandi. São Paulo: Iluminuras, 2008.
- _____. **Bergsonismo**. Tradução Luiz B. L. Orlandi. São Paulo: Editora 34, 1999.
- GALEFFI, Dante. **O ser-sendo da filosofia**. Salvador: EDUFBA, 2001.
- GALEFFI, Romano. **A presença de Bergson**. Salvador: Universidade da Bahia, 1961.
- REALE, Giovanni. **Para uma Nova Interpretação de Platão**. São Paulo: Editora Loyola, 2004.
- TORREÃO, Rita Célia. **O Rio do Tempo o Homem Devorador de Tempo**. Revista da FACED-UFBA n 12-2008.
- _____. O rio do tempo: o homem um animal temporal devorador de tempo. **Revista da FACED**, n. 12, p. 203-218, jul./dez. 2007.
- _____. **Nas Asas da Borboleta. Filosofia de Bergson e Educação**. Salvador: Edufba, 2012.



A Condição Humana: olhares da espiritualidade, educação, saúde e tecnologia.
ISBN: 978-85-65430-11-1 – Instituto de Formação Humana

16

TREVISAN, Rubens Muríllo. **Bergson e a educação.** 1995. Tese (Doutorado em Educação)
– Universidade Metodista Piracicaba São Paulo, Piracicaba, SP, 1995.